PRIVATE

REVISTA MASCULINA DO PAÍS.

REVISTA MENSAL
ANO X - Nº 99

Cr$58.000,00

GAROTAS

SE VOCÊ, QUE SE JULGA UM MACHÃO, NÃO SENTIR NENHUM CUTUCO COM A VISÃO DE NOSSAS MODELOS, ENTÃO, É MELHOR PROCURAR UM ANALISTA. ALGUMA COISA TÁ ERRADA!

TRANSAS

COM OU SEM FOTO, AS PROPOSTAS DOS ANUNCIANTES SÃO O CANAL PARA VOCÊ DAR UMA GUINADA EM SEUS RELACIONAMENTOS. PARA MELHOR, É CLARO!

NÃO DEIXE DE LER, NESTA EDIÇÃO, AS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS CONTADAS PELOS LEITORES

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

PRIVATE

REVISTA MENSAL - ANO X - Nº 99 - ABRIL DE 1993

GALVÃO
EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Diretor e Editor Responsável:
Pedro Galvão Moreira

Diretor de Redação e Produção:
Moacir Machado

Diretora de Arte:
Sílvia Ribas

Arte Final:
Fábio Rodrigues Moreira

Redatora:
Ivonete M. Nascimento

Revisor:
Roberto Zoccola

Fotografias:
Real Press International

Composição de Texto:
Studio Private

Fotolitos:
Yanguer

Distribuição exclusiva para todo o País:
Fernando Chinaglia Distrib. S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907 - Fone: 577-6655 - Rio de Janeiro - RJ.

PRIVATE é uma publicação mensal da Galvão Editora e Distribuidora Ltda. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua Guilherme Maw, 113, Luz, São Paulo, SP, CEP 01105-040, Fax 229-1679, Telefones 229-0367 e 229-8915. Registro nº 4.014, de 21/01/85, no 5º Cartório de Registros de Títulos e Documentos, de acordo com a Lei de Imprensa. Os textos e fotos enviados pelos leitores são de sua inteira responsabilidade.

EDITORIAL

Temos notado que muitos recorrem a variados recursos para ter mais de um anúncio publicado em uma edição da Private. Um deles é a utilização de mais de uma caixa postal. Condenamos essa prática não só pela possível multiplicação de anúncios da mesma pessoa, como também porque, ao agir assim, ela está tirando a vez de outras que aguardam, algumas infinitamente, uma chance para locar uma caixa nos Correios. Gostaríamos de alertar a esses leitores que estamos atentos e prontos para coibir tais abusos sempre que os detectarmos

NESTA EDIÇÃO

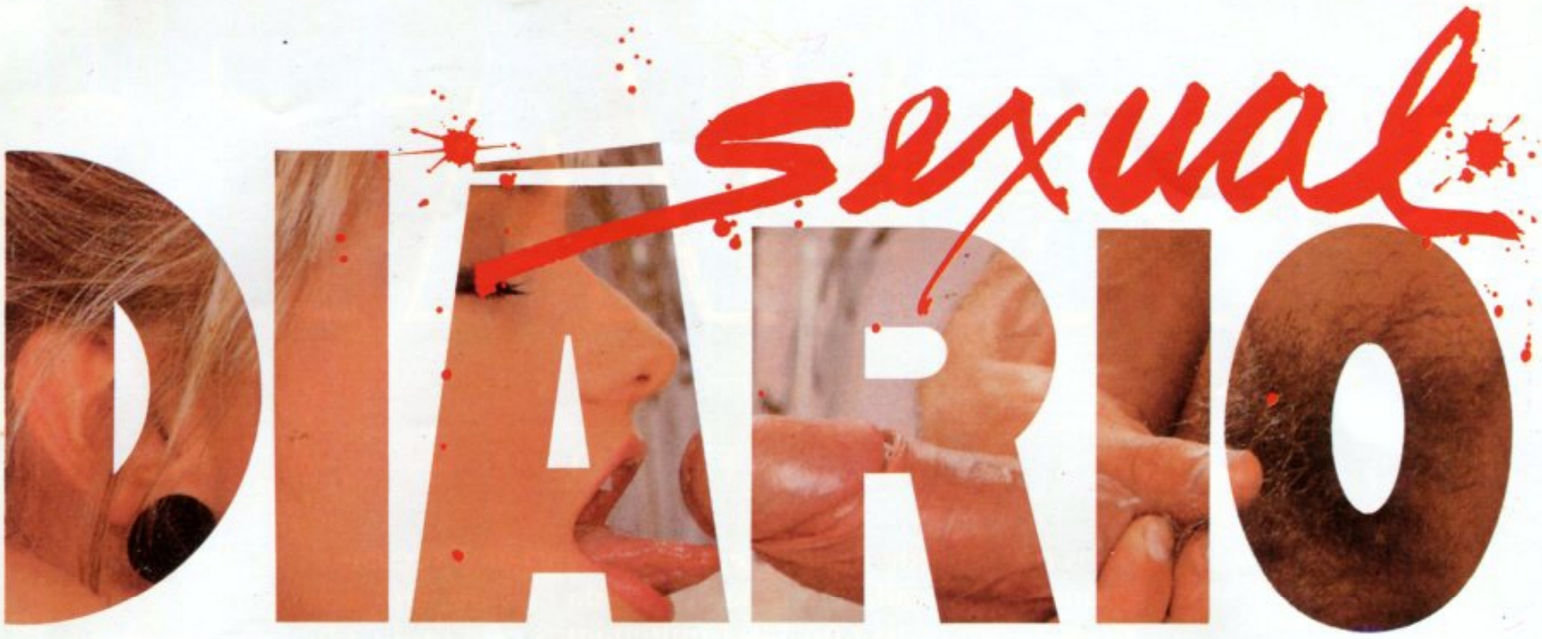
33, 38 e 74 GATAS OUSADAS
Chame-as do adjetivo que quiser, mas, num ponto, temos certeza que o leitor concorda conosco: nossas garotas são as mais sensuais do mundo

42 LEITORES EM CLOSE
Bem-dotado, pouco dotado; pentelhuda ou raspadinha: escolha, pelas fotos, o seu tipo preferido

4 DIÁRIO SEXUAL
Histórias de amor, sexo e prazer, contadas com malícia e muita criatividade

14 TRIBUNA DO LEITOR
Sugira, critique e meta a boca no trombone se for preciso. Se tiver razão, estamos com você

23 CORREIO CONFIDENCIAL
Quer transar, cair na gandaia, e não sabe por onde começar? Encontre, dentre as centenas de propostas, uma que, certamente, vai ajudar-lhe



O DIA DA CAÇA

Sempre tive dificuldade em realizar minhas fantasias, já que o preconceito em torno delas é muito grande. Afinal, quando se fala em amarrar, imobilizar e dominar sexualmente sua parceira, é comum você ser considerado um anormal. Apesar disso, não desisto, pois sei que existem pessoas de mente aberta, como foi o caso de Maria, uma morena daquelas de endoidecer até o mais pacato cidadão. Tinha cabelos negros, longos e encaracolados, pele cor de mel, seios de tamanho médio, firmes e macios, coxas fortes e rijas, e uma bunda inesquecível!

Logo que eu e Maria começamos a namorar, fiquei surpreso ao perceber que dentro do seu corpo maravilhoso se encontrava uma menina tímida. Tão tímida que, na primeira vez que transamos, ela me confessou que tinha vergonha do seu corpo. Gostava muito daquela mulher e, por isso mesmo, passei a viver um dilema: se lhe confessasse minha fantasia, provavelmente ela iria afastar-se de mim. Mas o tempo foi passando e o desejo venceu. Uma noite, quando saímos para jantar, contei a ela o meu segredo.

A cara de surpresa de Maria, ao me ouvir falar em amarrá-la, só não foi maior que a minha quando me disse que aceitava experimentar, com uma condição. Quando lhe perguntei qual era essa condição, respondeu que só a revelaria depois, no momento certo. Fiquei desconfiado, mas aceitei. Afinal, se ela confiava em mim, por que não eu nela?! Quando saímos do restaurante, sugeri a Maria que, em vez de irmos a um motel, fôssemos para a casa de sua tia, cujas chaves estavam com ela. A casa estava vazia e minha namorada estava cuidando de alugá-la. Eu já havia visto o lugar, e tinha algumas idéias em mente. Passamos em minha casa, para pegar algumas cordas, e seguimos para a minha fantasia.

Quando chegamos, mal me agüentava de tesão. Começamos a nos beijar e acariciar. Pedi a Maria que confiasse em mim. A primeira coisa que fiz foi vendá-la. A tira de seda preta sobre os olhos a deixava mais desejável. Levei-a a um dos quartos, onde já havia visto um gancho fixado no teto, provavelmente para prender algum vaso de planta. Com o auxílio de uma cadeira, passei uma corda pelo gancho e puxei-a com força, para ver se resistiria ao peso. Quando tive certeza da firmeza, amarrei os pulsos de Maria com uma das extremidades da corda e puxei a outra por sobre o gancho, deixando-a pendurada de tal forma que ficasse na ponta dos pés.

Aproveitando-me da situação, passei a acariciar e bolinar Maria. Levantei sua saia até a cintura e enfiei a mão por dentro da sua calcinha. Ao sentir sua bocetinha molhada, vi que estava no caminho certo. Comecei a despir a garota vagarosamente; retirei sua blusa, libertando os seios, ao mesmo tempo que minha língua descia por seu pescoço. Quando mordisquei seus mamilos, Maria gemeu de prazer e, com uma voz sensual a qual ainda não tinha ouvido, chamou-me de "torturador maldoso". Nesse momento, retirei sua saia, deixando-a só de calcinha, meias e ligas. Livrei-me também de minhas roupas e deixei meu pau respirar. A seguir, passei a lamber a xoxota por cima da calcinha. Quando esfreguei o cacete entre suas pernas, passando depois para a bunda, a mulher arfou: "Você não ousaria tirar minha calcinha, seu monstro!"

Entendi a mensagem, e respondi-lhe que quem mandava ali era eu; que faria com ela o que eu desejasse. Dito isso, rodei-a no seu próprio eixo, a fim de que perdesse a orientação, e, após alguns minutos de silêncio, ouvi-a chamar meu nome, preocupada. Aproximei-me, em silêncio, e rapidamente baixei sua calcinha, arrancando-a com rapidez e caindo de boca em sua boceta. Agitava furiosamente a língua, enquanto segurava suas pernas com os braços. Quando senti que Maria ia gozar, soltei-a e ouvi-a exclamar: "Não pare, não me deixe assim!" E foi exatamente o que fiz, enquanto preparava o próximo ato.

Separei alguns pedaços de corda

menores e, em seguida, soltei Maria do gancho, deixando-a desfalecer no chão. Com a corda, puxei-a pelos pulsos até o outro quarto, fazendo com que no trajeto viesse batendo desnorteadamente nas paredes. Fiz com que ela se deitasse de costas, sobre uma mesa retangular grande mas baixa. A garota ocupava a mesa da cabeça até os joelhos, que se dobravam sobre a borda. Puxei seus braços sobre a cabeça, dobrando-os para baixo. Amarrei a corda que prendia seus pulsos a um travessão que unia os pés da mesa. Depois, prendi um pedaço de corda a cada tornozelo, arreganhando suas pernas ao máximo e deixando sua boceta completamente escancarada. Amarrei cada pé da moça ao pé da mesa.

Com Maria completamente à minha mercê, passei a lambê-la e chupá-la da forma mais lenta e demorada possível, começando pelos pés, onde suguei cada dedo, arrancando gemidos alucinantes, ao mesmo tempo que ela se contorcia tentando libertar-se. Quando cheguei nas coxas, a garota procurou aproximar os joelhos, como se quisesse impedir meu trabalho. "Não, não!", disse ela, fazendo-se de santa. "Você vai aprender a não me desafiar!", gritei. E peguei mais um pedaço de corda, que amarrei em uma das coxas, puxando-a para o lado. Estiquei a corda por debaixo da mesa e prendi-a na outra coxa, de forma que a impedisse de fechar as pernas, que permaneceram completamente arreganhadas.

Continuando meu serviço, lambi a parte interna das coxas de Maria, desenhando com a língua o contorno da boceta, mas sem tocá-la. Subi, passando pelo umbigo, costelas, seios, onde mordi os mamilos,e beijei sua boca. Abandonando o papel de ingênua, Maria agora pedia descaradamente que eu a penetrasse. "Ainda não. Primeiro, você vai lubrificar o instrumento do seu prazer!", disse-lhe. Colocando o caralho sobre seu rosto, ordenei-lhe que lambesse minhas bolas. Inclinei-me um pouco sobre a mesa e fiz com que ela engolisse a glande e a lambesse também, enquanto minhas mãos trabalhavam em sua boceta, uma expondo-a e a outra dedilhando o clitóris. Seus gemidos com o cacete na boca eram como música para meus ouvidos.

Quando senti que ambos estávamos próximos do orgasmo, retirei-me e perguntei a Maria o que ela queria. "Seu pau!", respondeu. "Então peça com educação", ordenei. "Eu imploro, meu gato, vem pra dentro de mim, por favor!", pediu. Como eu também já não agüentava mais, parti para cima dela. Meu caralho deslizou para dentro daquela boceta encharcada. Em poucos minutos, a mulher arqueou o corpo como uma gata, gemendo de prazer. Logo em seguida, eu a inundei de porra, arfando e desfalecendo sobre ela. Ficamos ali, daquele jeito, por um bom tempo, recuperando-nos, até que saí de dentro dela e a soltei.

Sentados, juntos, perguntei a Maria o que tinha achado da experiência. Respondeu que nunca havia sentido nada tão forte. Acho até que fiquei meio corado, sentindo-me orgulhoso e realizado. De repente, a gata resolveu dizer qual era a sua condição: queria fazer comigo o mesmo que eu acabara de fazer com ela, ou seja, amarrar-me e "torturar-me". Confesso que já tinha pensado na idéia, mas isso não diminuiu minha surpresa nem impediu que meu pau começasse a dar sinais de vida novamente, respondendo por mim.

Maria não perdeu tempo: fez com que eu me sentasse numa cadeira e amarrou minhas mãos às costas, prendendo-as por trás ao encosto; depois abriu minhas pernas e prendeu meus pés aos pés da cadeira. A garota saiu por alguns instantes e, quando voltou, estava novamente vestida. Já ia perguntar o que pretendia, quando ouvi o som de uma música na sala. Ficou claro que eu iria presenciar um strip-tease. Maria começou a requebrar e a levantar a saia, deixando as pernas à mostra. Comecei a me mexer na cadeira, desconfortavelmente, meu pau apontando para o alto como um cão a farejar a caça. A garota aproximou-se e passou a esfregar-se em meu corpo. Sentou em meu colo e deslizou por minha coxa, amassando meu cacete como se fosse massa de pastel. Eu gemia e tentava beijá-la, mas ela não permitia.

Maria tirou a blusa, inclinou-se sobre mim e deixou os seios bem próximos a minha boca, mas de tal modo que, por mais que me movesse, não conseguia tocá-los. "Por favor, deixe-me chupá-los", pedi. Graças a Deus ela atendeu, e, pelo que pude perceber, estava tão excitada quanto eu. Após alguns segundos, a gata afastou os peitos macios e deliciosos, voltando-se e rebolando, enquanto deixava a saia escorregar lentamente. Outra vez só de calcinha, meias e ligas, Maria aproximou-se, de costas, e começou a esfregar sua bunda em mim, terminando por sentar-se no meu colo, em cima do meu caralho.

Quando percebeu que seu rebolado ia acabar comigo, Maria levantou-se e proferiu a sentença: "Agora eu acho que você está no ponto para a minha vingança!" Primeiro soltou meus pés; depois a corda que prendia minhas mãos na cadeira. Logo, eu estava livre da cadeira, mas com as mãos ainda presas às costas. Rapidamente, Maria agarrou minhas bolas e ameaçou: "Se tentar reagir, eu aperto!" Obviamente, segui-a como um fiel cãozinho. De volta ao quarto onde havia o gancho no teto, ela me fez ajoelhar. Com um pedaço de corda, amarrou minhas mãos junto aos tornozelos, de forma que eu tinha de permanecer ajoelhado.

Maria saiu por alguns instantes, retornando com uma cadeira, que colocou bem a minha frente. Sentando-se, abriu bem as pernas e disse: "Se você for um bom menino e me chupar direitinho, talvez eu o deixe gozar". Comecei a pensar na possibilidade de ficar de pau duro sem gozar e, imediatamente, mergulhei a cabeça entre suas pernas, colocando minha língua para trabalhar. Maria inclinou-se para fora da cadeira e abriu mais as pernas, agarrando-me pelos cabelos. Eu já estava meio sem ar, quando ela se afastou por um instante,

apenas para abrir os lábios de sua boceta e indicar-me o clitóris. Mergulhei mais uma vez, disposto a acabar com a garota. Quando senti suas coxas apertando-se sobre minha cabeça e suas mãos puxando meus cabelos, vi que tinha conseguido. Maria relaxou e disse: "Agora você vai ter o que merece!" E saiu mais uma vez. Eu tinha de admitir que ela sabia fazer suspense.

Quando Maria retornou, trazia sua calcinha em uma das mãos e minhas tiras de seda na outra. Segurou-me pelos cabelos e ordenou que eu abrisse a boca. Cumpri a ordem e ela foi enfiando a calcinha para dentro, prendendo-a firmemente com uma das tiras. (E pensar que eu me contive com medo de assustá-la!) Com a outra tira vendou-me os olhos. Depois soltou meus pés e içou minhas mãos pelo gancho, como eu havia feito com ela. Também rodou-me um pouco e deixou-me em expectativa por alguns minutos. De algum lugar, ouvi sua voz: "E então, machão, não diz nada agora, hein?!" Não consegui emitir nenhum som.

De repente, senti a língua de Maria nas axilas, passando em seguida para meu pescoço, enquanto suas unhas percorriam meu corpo. Depois, em minhas costas, desceu lentamente, até que senti sua língua em meu ânus. Estremeci de surpresa e prazer. A garota deve ter percebido, pois disse que havia descoberto meu ponto fraco. Pela última vez, ela saiu e voltou logo em seguida. Subitamente, senti que esfregava a bunda no meu cacete, enquanto dizia: "Você queria comer a minha bunda, não é?! Agora eu vou ter a sua!" A mulher virou-se, abraçou minhas coxas e colocou o pau na boca, começando a chupá-lo. Sua língua me alucinava com movimentos giratórios. Eu já estava enlouquecido, quando senti algo pontiagudo e fino penetrando meu ânus. Depois vim a descobrir que se tratava de um daqueles palitos de madeira japoneses que as mulheres usam para prender os cabelos.

A sensação simultânea no cu e no pau não demorou muito para fazer minha porra jorrar novamente, sendo engolida por Maria. Fiquei dependurado por alguns instantes, completamente exausto, até que ela me soltou. A garota confessou que sempre quis ter um homem completamente à sua mercê. Disse-lhe que tinha sido ótimo para mim, mas que ela aguardasse a minha desforra.

Eu e Maria mantivemos um relacionamento cheio de paixão e tesão por dois anos, até que, infelizmente, ela morreu em um desastre com um ônibus, na estrada. Desde então, venho procurando em vão preencher o vazio que minha namorada deixou. Mas, como disse no início deste relato, isso é muito difícil. Espero que esta história me ajude a encontrar alguém que não tenha medo de realizar sua fantasia de ser dominada e, ao mesmo tempo, também dominar, encontrando nisso um prazer todo especial. Por favor, não me escrevam homossexuais masculinos.

Caçador, Caixa Postal 6.191, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20021.

AMANTE E AMIGO

Uma das melhores coisas da vida é o sexo. Quando falo sexo, entendam, com isso, uma relação de pessoas, um entrelaçar de vontades e desejos, onde exista a entrega de um ou mais corpos aos mais altos delírios do prazer, em busca da finalidade única que é a de atingir o orgasmo supremo. Mas, para uma perfeita realização, não se pode estar preso a obrigações de ordem conjugal, não que isso não seja válido, porém acho que não é fim, e sim conseqüencia e aquiescência de dois seres que não impõem limites ao prazer um do outro, compartilhando e colaborando na concepção mútua de uma relação sadia, sem preconceito nem tabu. Partindo desses princípios, uma das coisas que mais me completa é um relacionamento franco com um casal de mente aberta, impondo, aí, uma única objeção: o homo masculino; não por preconceito aos homossexuais, e sim por convicção de que seria uma relação que não me satisfaria na minha busca do prazer.

A história que passo a narrar refere-se a um casal maravilhoso, Joana e Mauro. Tive o privilégio de partilhar do seu convívio, sendo muito bem recebido não só como amante, mas também como amigo. Joana era uma mulher esplendorosa, no fulgor dos seus 30 anos, com uma pele acetinada de pelinhos loiros, bronzeada do sol, irradiando calor e tesão por todos os poros, seios firmes e redondos, coxas torneadas com curvas perigosas e excitantes, que se bifurcavam a caminho do seu majestoso e receptivo sexo, em oposição simétrica à sua bundinha arrebitada e nervosa, como a esperar que alguém que a desbravasse com o pulsar de um membro potente, inundando suas entranhas de amor e carinho.

Ao ouvir sua voz pela primeira vez, naquele telefonema inesperado em uma tarde monótona, não poderia adivinhar que aquilo seria o início da mais bela relação que três seres humanos poderiam ter.

Joana ligara em resposta a uma carta minha. Conversamos longamente sobre os mais variados assuntos, até que chegamos à conclusão que nada mais faltava além de nos conhecermos. Já havíamos trocado cartas e fotos e ansiávamos cada vez mais pelo momento em que poderíamos, enfim, satisfazer nosso tesões. Encontro marcado, lá fui eu, cheio de nervosismo e desejos. Entrei naquele bar com a certeza de que dali sairia para uma experiência maravilhosa.

Sentei-me em um lugar discreto, de onde tinha visão total de quem entrava. Dez minutos depois, eles chegaram. Joana parou à entrada, olhando de um lado a outro, a minha procura. Quando nossos olhos se cruzaram, não pude deixar de esboçar um sorriso de satisfação, pois sabia que aquela linda mulher dali a instantes estaria em meus braços. Fiz-lhes um sinal e ela, reconhecendo-me, veio em minha direção, escoltada por Mauro, arrancando suspiros dos homens ali presentes.

Quando o casal se sentou à mesa, fiz questão de demonstrar o quanto aquele encontro estava sendo importante para mim. Mauro me disse que para eles aquela seria uma experiência nova, mas

que estavam muito felizes em me encontrar para realizá-la. A partir desse momento, o clima de tensão entre nós se dissipou e pudemos conversar com maior naturalidade sobre os mais variados assuntos. Quando o som ambiente nos fez ouvir uma música suave, pedi permissão a Mauro para dançar com sua mulher. Ele assentiu a lá fomos nós para a pequena pista de danças.

Por um um longo instante, não dissemos nada, apenas nos embalávamos ao som da música e nos acariciávamos discretamente na ânsia de nos conhecermos melhor. Joana rompeu o silêncio, sussurrando ao meu ouvido que estava ficando molhadinha de tanto tesão e não conseguiria controlar-se mais, caso não fôssemos para sua casa o mais rápido possível. Ao voltarmos para a mesa, Mauro, como que adivinhando nossas intenções, já havia pago a conta e esperava-nos para sairmos. Resolvemos que iríamos no carro deles. Mauro fez questão que eu sentasse no banco de atrás, com sua mulher.

No trajeto até a casa deles, Joana começou literalmente a me seduzir: desabotoou minha calça, usou sua mãozinha delicada para puxar meu membro para fora e passou a alisá-lo de uma forma deliciosa. Abri sua blusa e me pus a chupar seus seios. Ela ronronava feito uma gata, tremendo de excitação a cada toque da minha língua em seus mamilos, ao mesmo tempo que aumentava o movimento de masturbação no meu cacete. Mauro, que pelo espelho não perdia quase nada do que estava acontecendo no banco traseiro, resolveu parar o carro em uma rua escura, para observar melhor.

Quando o marido insistiu para que a mulher me chupasse, Joana concordou, pedindo apenas que ele continuasse, pois estava com medo de ficarmos naquele lugar. Mauro ligou o carro novamente, e a sensação de passear pela cidade com aquela potranca a chupar meu pau era indescritível e emocionante. Eu já estava prestes a gozar, quando Mauro nos avisou que estávamos chegando em casa e deveríamos recompor-nos. Joana, mais que depressa, passou para o banco da frente. Segundo depois, como se nada tivesse acontecido, adentramos a residência do casal.

Dentro de casa, a orgia correu solta. Mal havíamos entrado, começamos a despir um ao outro, até que chegamos ao quarto do casal já completamente nus. Joana estava infernal: pegou nossos cacetes e passou a masturbar os dois ao mesmo tempo. Eu e Mauro revezávamo-nos em carícias naquele corpo escultural: eu chupando sua bocetinha perfumada; o marido introduzindo um dedo no ânus fenomenal da mulher. Gemendo e contorcendo-se em um delírio estonteante, Joana abocanhou o pau de Mauro e pediu para que eu a penetrasse. A cena era divina: a mulher chupava com sofreguidão o pau do marido, enquanto eu estocava com violência sua bocetinha dourada.

Mudando de posição, Joana nos pediu para que a penetrássemos os dois ao mesmo tempo. Ajeitou-se com carinho em meu membro e empinou a bundinha para ser deflorada pelo marido. Quando Mauro começou a introduzir seu caralho naquele buraquinho estreito, a mulher gritou que não iria conseguir nos agüentar. Seu marido, um pouco fora de si, não deu bola e atolou todo o membro no cuzinho de Joana. Após uns momentos, para que se acostumasse, iniciamos com ela um movimento de sobe-e-desce, que foi sendo acelerado a partir do momento em que mulher se desinibia e participava ativamente da brincadeira, xingando-nos, arranhando-nos, dizendo que estava sendo realizado o seu maior sonho. A partir daí, não agüentando mais, gozamos os três no mesmo momento, como se fôssemos um só corpo.

Após um merecido descanso, já refeitos da transa, conversamos calmamente sobre tudo o que havia acontecido. Então fiquei muito feliz ao constatar que eu tinha sido plenamente aceito por eles, que havia correspondido aos desejos do casal. Continuamos encontrando-nos até hoje, embora agora com menos freqüência, já que eles se mudaram para o interior de São Paulo.

Este relato é uma pequena parte do que eu gostaria de poder realizar com outros casais, desde que possuam os mesmos predicados de Joana e Mauro. Quero receber cartas de casais e/ou mulheres de até 35 anos, bonitos, charmosos, higiênicos, inteligentes, com peso e altura compatíveis; tudo sem homossexualismo masculino, sado ou drogas. As mulheres podem ser bi, para formarmos dupla. Cartas com foto e/ou fone, sem o que não responderei. Objetividade, respeito mútuo e sigilo é o que exijo e retribuo. Sou casado, 28 anos, bem-dotado, nível superior e cheio de tesão.

F.A.B., Caixa Postal 12.971, São Paulo, SP, CEP 04092.

SAINDO DA ROTINA

Numa sexta-feira, para sair da rotina, resolvi pegar um cineminha e, depois, dar uma esticada até um barzinho de pagode, recém-inaugurado, para ouvir um pouco de samba. Saí do cinema e fui direto. Sentei a uma mesa do canto, pedi uma cervejinha e fiquei apreciando o movimento. Lá pelas 23 horas, entrou um rapaz moreno, alto, cabelos encaracolados, barba bem-feita e bigode. Disfarçadamente, fiquei a observá-lo. A essa altura, o movimento já era grande e não havia mais mesa vazia. Depois de dar uma volta no ambiente, o rapaz acendeu um cigarro, deu algumas baforadas e veio em minha direção.

- Aí, mano, será que eu poderia sentar à sua mesa? Já não existe nenhuma vaga! - observou com voz possante.

Só pelo fato de tê-lo ali, perto de mim, não pensei duas vezes. Respondi que sim. Ele sentou, pediu uma cerveja, e passamos a conversar. Seu nome era Luiz, e fiquei sabendo seu apelido: "All Star". Achei engraçado e perguntei-lhe o motivo do mesmo. O rapaz me contou e demos boas gargalhadas. As horas foram passando, e disse-lhe que tinha de ir embora. All falou que precisava fazer o mesmo, pois sua esposa já deveria estar uma fera. Pedi a conta e, quando fui pagá-la, O rapaz fez questão que deixasse a despesa para ele, justificando que tinha-me achado um cara maneiro. Saímos e, quando eu me dirigia ao ponto do ônibus, ele convidou:

- Aí, mano, posso te dar uma carona!

Disse-lhe que não precisava, que era muito contramão e coisa e tal. Mas o rapaz insistiu. Entramos no carro e viemos conversando. Durante o trajeto, toda a vez que trocava a marcha, All roçava a mão na minha perna. Eu fingia que não notava. Quando chegamos à frente do portão da minha casa, ele perguntou o que eu iria fazer no sábado. Respondi que ficaria em casa, ouvindo uns discos; enfim, não tinha nada de importante para fazer. Ele ficou pensativo por alguns segundos e, depois, despediu-se. Entrei... Deitei pensando no meu mais novo amigo, e assim adormeci. Não acreditava que nossa amizade passaria daquela noite.

Era uma hora da tarde do sábado, quando a campanhia tocou. Minha mãe atendeu e, ao voltar, disse-me que havia um rapaz ao portão querendo falar comigo. Que diferença da noite: All vestia camiseta regata, que destacava seu tórax musculoso com um discreto tufo de pêlos negros; e calça de moleton que, embora larga, lhe ressaltava as coxas grossas e o volume do seu sexo, o que me deixou excitado.

- Aí, mano, espero não estar te perturbando, mas, já que você gosta de samba, vim buscá-lo pra gente ouvir alguns lá em casa. Tenho uns discos muito bons. Você tá a fim? - disse, com toda a simplicidade.

- Lógico que estou! - respondi.

- Então vamos!

Deixei All esperando por alguns momentos, entrei em casa, peguei uma fita da Beth Carvalho, avisei minha mãe e lá me fui, todo contente com o convite. Ao chegarmos à casa de All, perguntei por sua esposa.

- Ela foi para a casa da mãe dela e só volta amanhã. A gente pode ficar à vontade - disse, com uma tapinha em minhas costas e um sorriso maroto.

Sentei no sofá, enquanto All colocava o disco na vitrola. Depois, ele foi até a cozinha e retornou com uma cerveja. Passamos a ouvir o samba, tomar a bebida bem gelada e conversar sobre assuntos banais. Num dado momento, já sob o efeito da cerveja, deu-me vontade de urinar, perguntei onde era o banheiro e para lá me dirigi. Qual não foi a minha surpresa ao voltar: encontrei All só com uma minúscula cueca. A visão de suas coxas grossas e morenas, recobertas por pêlos negros, e aquele volume convidativo me fizeram sentir um frio na espinha.

- Sérgio, tá um calor danado e, já que estamos sós, resolvi ficar à vontade. Por que você não faz o mesmo? - justificou.

Meio sem jeito, tirei a camiseta, depois a bermuda. All olhava-me fixamente, e pude notar que o volume por baixo da sua cueca crescia. Sentei, tomei mais um gole de cerveja e, quando me reclinei para colocar o copo de volta na da mesinha, All passou a alisar minhas costas. Senti um arrepio percorrer todo o meu corpo. Então, ele começou a beijar meu pescoço, enquanto suas mãos acariciavam minhas coxas. Deixando as boas maneiras de lado e, não resistindo a tanto tesão acumulado, pedi-lhe que deitasse no sofá e dei início a um banho de gato. Beijei sua testa, depois os olhos, o nariz, a boca gostosa e quente, o pescoço, os mamilos... A medida que eu ia descendo com a língua, mordiscando seu corpo, All suspirava e gemia. Quando cheguei à virilha, o volume sob a cueca havia crescido ainda mais. Então comecei a mordiscar aquele monte de nervos, que parecia querer estourar o tecido da cueca.

- Cara, que boca quente você tem! - exclamou ele.

Com os dentes, puxei a cueca de All para baixo e, a minha frente, surgiu um membro moreno, grosso, com veias inchadas e cabeça grande e rosada. Passei a língua em volta da glande e percorri toda a extensão do belo caralho, até chegar ao saco. Chupei uma bola após a outra; desci até o ânus apertado e voltei a engolir aquele mastro quente e vibrante. All segurou minha cabeça e forçou-a para baixo, fazendo com que seu cacete alcancasse minha garganta, ao mesmo tempo que dizia:

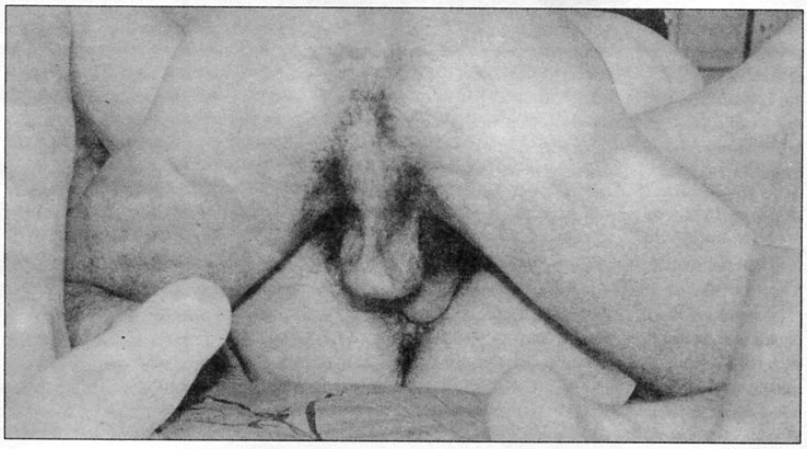
- Chupa, Serginho! Ai, que boca gostosa! Deixa eu pôr no seu cuzinho, deixa!

Deitei de bruço e meu amigo começou a mordiscar minha nuca, ao mesmo tempo que enfiava um dedo em meu rabinho, que piscava esfomeado. Quando seu corpo foi descendo, senti suas mãos abrindo minhas nádegas e a língua macia roçar meu botão de rosa. Depois que meu rabinho estava bem lubrificado de saliva, All encostou a cabeça do membro e forçou a entrada do meu traseiro.

- Ai... cara, que dor! Vai devagar! - reclamei.

- Desculpe, Serginho, mas você me deixa selvagem!

Com um movimento brusco, o caralho



de All entrou em minha bunda, fazendo-me soltar um gemido alto de dor e prazer. Ele deu uma paradinha, para que eu me acostumasse com a invasão, e depois foi empurrando aos poucos. A cada centimetro que o caralho entrava em mim, meu corpo vibrava. Meu amigo acelerava os movimentos, fazendo com que seu membro quase saísse para fora, e enterrava tudo novamente. Eu me sentia totalmente preenchido por aquele macho.

- Que cuzinho gostoso! Como ele é quentinho! Isso... mexe, meu garotinho... mexe que eu quero gozar dentro de você!

- Isso, All, põe tudo... me arromba... me enche com teu leite quente!

All, então, acelerou os movimento e senti seu líquido quente e grosso jorrar dentro de mim, em jatos fortes. Quando terminamos nossa transa, meu amigo acendeu um cigarro para cada um de nós e disse:

- Cara, essa foi a metida mais gostosa que já dei! Você é demais!

Eu me sentia nas nuvens, mas ainda não tinha gozado. All então chegou mais para perto, acariciou meus mamilos, minha barriga, colocou a mão em meu cacete, que começou a crescer, e passou a massagear meu membro. Estava com os olhos fechados, quando senti seus lábios envolvendo meu caralho. Que sensação gostosa que eu sentia: sua boca quente, a barba começando a crescer roçando meu saco... Em determinado momento, All parou de me chupar e ficou olhando meu membro, que pulsava. Então se levantou, foi até o quarto e retornou em seguida com um pote de creme.

- Serginho, você vai me inaugurar, tá legal?! Mas vá devagar! - decidiu.

All estava à minha mercê. Passei bastante creme no meu membro e em seu ânus virgem, pus suas pernas sobre meus ombros, na posição de frango assado, e comecei a penetração vagarosamente. No início foi difícil. Pedi a All que relaxasse. Meu membro entrava aos poucos, fazendo com que meu amigo gemesse e suspirasse, pedindo para que eu entrasse fundo nele. Eu sentia aquele ânus virgem dilatando-se e engolindo-me todo. Não consegui agüentar por muito tempo e gozei como um alucinado. Quando nos demos conta, o disco já havia rodado todo e só ouvíamos o chiado da agulha.

Já era noite quando All me trouxe de volta para casa. Antes que eu descesse do carro, ele me deu um beijo e disse:

- Sérgio, de hoje em diante eu serei o seu All Star.

Sérgio, São Paulo, SP.

TRÊS É MELHOR... BEM MELHOR!

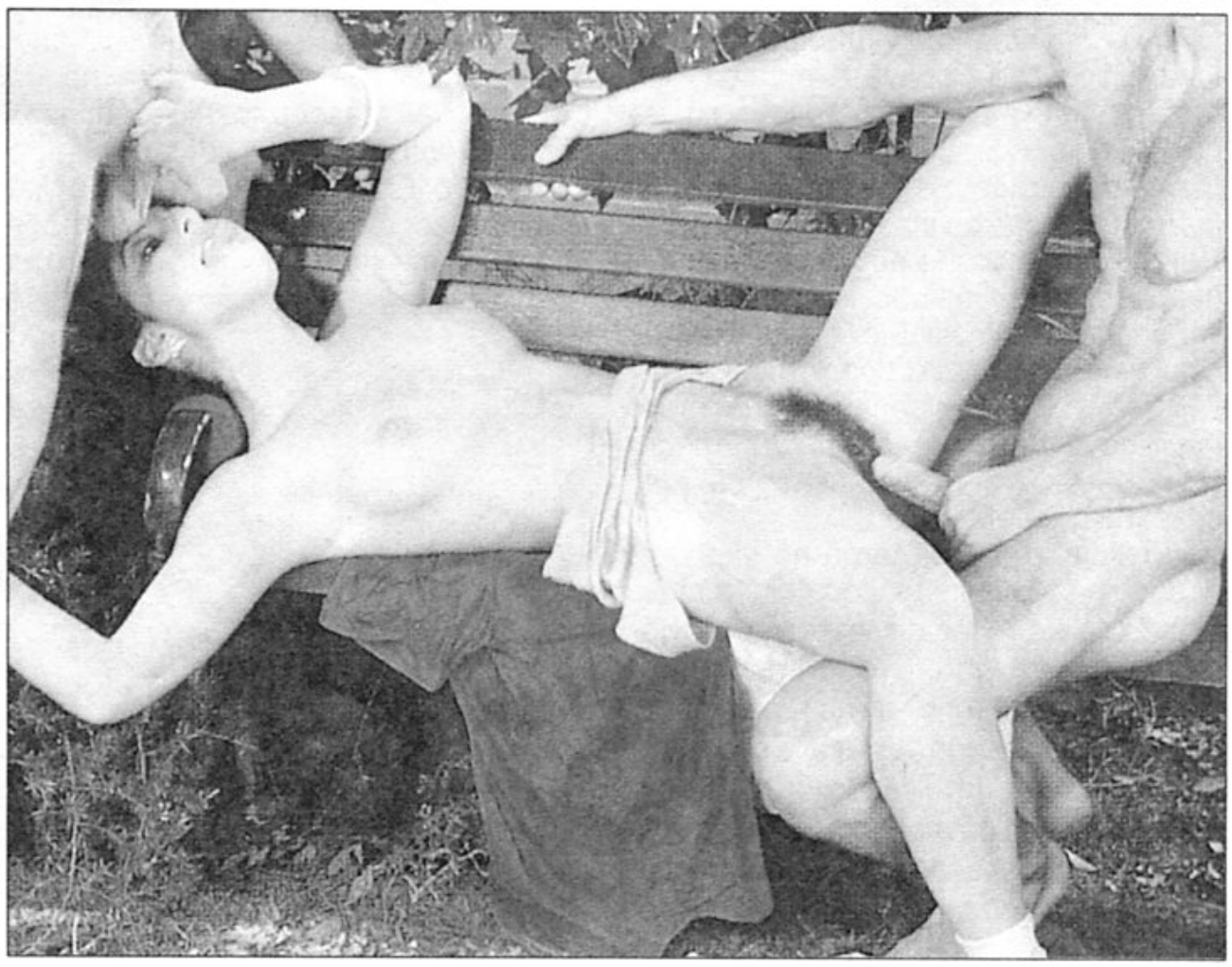
De todos os relacionamentos íntimos, o mais emocionante, o mais excitante, enfim, o mais gostoso é, sem dúvida, o ménage à trois. Isto quando praticado por pessoas de bom nível, sadias, que sabem respeitar e exigir respeito, que encaram o sexo como coisa séria, não uma brincadeira de quem nada sabe da arte de fazer amigos e proporcionar erotismo, prazer, tesão e gozo intenso para ambos. Antes de viver a experiência, eu já a imaginava imensamente excitante, pelos aspectos de forte emoção erótica que ela previamente exerce.

As ações de cada um e as reações que provocam nos outros dois são aspectos que tornam o ménage um ato realmente excitante, delicioso. Essa técnica é capaz mesmo de retemperar a vida sexual de muitos casais, tirando-os da rotina e tornando suas relações infinitamente mais gratificantes. O ménage revigora a sexualidade do casal e inspira momentos de delirante prazer. Isso me foi confessado pelos três casais com os quais tive a oportunidade de realizar esse tipo de relacionamento.

Aqui, vou relatar minha primeira experiência no gênero, acontecida em 1986. Como já disse, eu nutria uma vontade louca de experimentar o ménage, mas sabia que precisava encontrar um casal educado e, principalmente, sadio. A única maneira para chegar até ele, cheguei à conclusão, seria através dos anúncios publicados nas revistas especializadas. E foi lendo o "Correio Confidencial" da Private que, após minuciosa seleção, encontrei o casal que procurava. Era daqui de São Paulo. Escrevi a ele.

Surpreendentemente, depois de alguns dias recebi uma agradável e excitante resposta, que me inspirou deliciosas punhetas. Pela forma e conteúdo da carta, logo percebi que estava relacionando-me com pessoas que preenchiam as exigências desejadas. Era um casal de médicos, ela com 33; ele, 40 anos. Na segunda carta, percebendo, também, que tratavam com alguém que satisfazia às suas expectativas, Carlos e Mara (nomes fictícios) confiaram-me o número do seu telefone. Imediatamente, entrei em contato, quando eles me convidaram para visitá-los em seu apartamento, para tomarmos alguns drinques e conhecermo-nos pessoalmente.

Dia e hora marcados, lá fui eu, excitadíssimo, embora, confesso, um tanto nervoso. O porteiro me anunciou e foi autorizado a me fazer subir. Tamanha era a simpatia de Carlos, ao receber-me, que logo já me sentia à vontade. "Sente-se, Mara está no quarto acabando de se pentear e já vem", foi logo dizendo. Começamos a conversar assuntos diversos, inclusive sobre a Copa do Mundo que se desenrolava na ocasião. Minutos depois, vestida num training preto que realçava as curvas provocantes do seu belo corpo, Mara entrou na sala.



Com um sorriso sensual e olhar excitante, ela me cumprimentou, tocando seu rosto bonito e aveludado no meu.

Os cabelos negros de Mara contrastavam com sua pele morena-clara. Que mulher! Confesso que logo comecei a ficar tesudo. Ela se introduziu na conversa e, depois de algumas piadinhas picantes, que serviram para descontrair-nos ainda mais, o casal sugeriu que eu fosse tomar um banho. Era a tão esperada "senha". Não me fiz de rogado e fui para o banheiro doidinho de tesão. Como fazia frio, tomei um banho bem quente, para reativar a circulação, mas mesmo assim rápido o bastante para não perder muito tempo. Para não ser abusado, vesti-me novamente, mas deixei de lado os sapatos.

Saí silenciosamente do banheiro, estranhando por não ouvir nenhum ruído ou conversa. Ao voltar à sala, uma cena deliciosamente excitante estava reservada aos meus olhos: Carlos, sentado no sofá, com o short aberto, e Mara, deitada de bruço, chupando-lhe vagarosamente o cacete, que segurava com as duas mãos. Vestida só com a blusa e uma minúscula tanguinha branca, a mulher me deixou extasiado com a formosura de suas coxas e sua bunda maravilhosa. Ao me ver, ela tirou a boca do pau e, com um suave sorriso, olhos semicerrados, falou baixinho: "Vem, Márcio, vem para juntinho de mim!" E, olhando-me de lado, continuou a lamber aquele pintão já bem duro. Sem hesitar, tirei a calça, aproximei-me do sofá, ajoelhei-me ao lado daquelas pernas deliciosas e, suavemente, pousei meus lábios na altura do joelho da gata.

Sentindo minha língua molhada em sua pele aveludada, Mara estremeceu. "Isso, Márcio, continue... ela adora ser lambida!", disse Carlos, derretendo-se de prazer ao observar minha língua percorrer cada milímetro das coxas da sua mulher. Aí eu fui subindo devagarinho, enquanto Mara separava as pernas, ao mesmo tempo que estendia uma das mãos, segurava meu pau e exclamava: "Humm, que pinto gostoso!" Nesse instante, introduziu minha mão por baixo da sua blusa e, com a ponta dos dedos, alcancei suas tetinhas, sentindo seus mamilos durinhos de tesão. Que delicia!

Num movimento suave, Carlos puxou a tanguinha da mulher. "Tira ela de uma vez, mostra a bundinha toda pra ele, amor!", ele dizia. Que tesão de bunda! Meu pau latejava na mão de Mara, que agora gemia sentindo minha língua passear em suas nádegas. Estimulado pelo prazer que aquela linda mulher sentia, eu queria aumentá-lo ainda mais. Então enfiei a língua no seu cuzinho

gostoso, o que a fez delirar. Depois, pegando minha mão, passou a esfregá-la freneticamente na boceta melada, enquanto dizia: "Ai, que língua gostosa... lambe, lambe meu cu... assim... gostoso!"

Por alguns segundos, fiquei ali, judiando de Mara, pincelando seu buraquinho, enquanto ela chupava o marido agora com muito mais ardor. Depois a fiz virar-se, de modo que eu pudesse ver sua maravilhosa boceta de pêlos negros bem ao alcance da minha boca. Então, lentamente, fui escorregando os lábios até que atingi aquela xoxota deliciosa e senti o seu cheirinho excitante. Que tesão! Meti-lhe a língua. Mara tremeu, gemeu, apertando e abrindo as pernas. Começou a delirar, tirando de quando em quando a rola da boca para falar coisas assim: "Isso, Márcio, chupa, chupa mais... lambe minha bocetinha! Ai, que língua gostosa... eu morro... mais, mais... chupa, tesão, quero gozar na sua boca!"

Continuei lambendo, sugando, saboreando aquela racha deliciosa, até que abri bem os grandes lábios e acomodei o grelo todinho na minha boca. Ao mesmo tempo, passei a acariciar o cuzinho de Mara com um dos dedos. Ela não resistiu mais, entrou em convulsão, puxou a blusa todinha para cima e apertou os seios, contorcendo-se toda. Gemendo com o cacete de Carlos enfiado na garganta, aquela linda mulher me fez sentir na boca a explosão desenfreada do seu gozo maravilhoso, indescritível, enquanto seu buraquinho piscava em torno do meu dedo. Logo em seguida, Carlos também começou a gozar intensamente, inundando de esperma o rosto e a boca da esposa.

"Que chupada alucinante! Nunca gozei tão gostoso na minha vida!", estas foram as palavras de Mara logo que se refez do imenso gozo. Mas ela estava preocupada porque eu ainda não tinha gozado, e murmurou baixinho ao meu ouvido: "Espera um pouquinho, amor, eu quero gozar outra vez na sua boca. Mas você vai ter de gozar na minha, como nunca gozou até hoje! Quero engolir toda a sua porra, bem gostoso!" Então deitei-me no sofá e ela veio por cima, colocando a boceta na minha cara, enquanto começava a engolir o meu caralho. Quando senti seus lábios molhados e sua língua sendenta, quase gozei, mas consegui resistir. Era por demais delicioso!

"Esfrega, esfrega a boceta na minha cara, na minha boca...! Deixa minha língua tocar seu clitóris! Goza, goza gostoso outra vez...!", dizia eu, excitado. De repente, para minha surpresa, Carlos aproximou-se e passou a revezar-se com a mulher na chupação do meu cacete. Fiquei alucinado e não pude mais segurar. Um eletrizante gozo tomou conta de mim. Minha porra abundante foi disputada ferrenhamente, até a última gota, por aquelas duas bocas famintas. Morri de prazer, enquanto Mara chegava ao seu segundo orgasmo.

Depois de uma merecida pausa, Mara recomeçou a manipular e beijar meu caralho, que foi endurecendo em suas mãos e entre seus lábios. Carlos, percebendo que eu já estava outra vez excitado, disse que desejava ver sua mulher sendo fodida na boceta. Imediatamente, ela se pôs de quatro, levantando bem a bunda para que eu a penetrasse por trás. Tomei posição, admirando bem aquele traseiro e aproveitando para, primeiro, dar algumas pinceladas com a cabeça do pinto naquele cuzinho

maravilhoso. Mara sentiu, rebolou girando a cintura lentamente e disse, com voz rouca de tesão: "Que delícia... que pau gostoso... assim, esfrega ele no meu rabinho... mais... mais um pouco...! Depois enfia ele todinho na minha bocetinha!"

Carlos aproximou-se e começou a masturbar-se. Em seguida, estendeu a mão, pegou meu cacete e guiou-o para dentro da xoxota sedenta, dizendo: "Come, come esta bocetinha, bem gostoso, Márcio, enfia tudo que ela adora seu cacete... não é mesmo amor?!" Fui entrando naquela boceta quente, molhada, deliciosa. Mara gemeu de prazer quando Carlos se ajeitou por baixo dela e passou a lamber, ao mesmo tempo, seu grelo e o meu pau, que entrava e saía lentamente. Era uma sensação indescritível. Como desvairada, a mulher apertava fortemente a bunda, para poder sentir o meu caralho até o último milímetro, enquanto a língua do marido aproveitava-se de cada retração.

"Agora, Márcio, me fode, me fode mais rápido... mais... assim... enfia tudo! Ai, que delícia, que pinto gostoso! Ai, mais, fode mais...!" Acelerei os movimentos. Mara gemia e chupava avidamente o cacete do marido. Percebi que ela estava prestes a gozar. De repentea mulher entrou em transe. Senti sua boceta contraindo-se, e também não resisti mais... "Isso, Márcio, goza, goza gostoso, me enche de porra! Ai, tesão, delícia...!" E como gozei! Quando me refiz, vi as mãos de Mara meladas de esperma e o pinto de Carlos já mole.

Esse foi nosso primeiro encontro. Outros aconteceram e, num deles, Mara achegou-se ao meu ouvido e, baixinho, disse que queria ver eu e Carlos masturbando-nos um ao outro, que isso a deixaria taradíssimo, que iria morrer de tesão e gozo observando-nos e também masturbando-se. Um tanto desconcertado, não respondi naquele momento, e ela acrescentou que não devia preocupar-me; tudo aconteceria naturalmente.

Quando estávamos os dois sentados à beira do sofá e Mara nos chupava, ora um ora outro, a mulher quis que juntássemos nossos pintos, para que ela pudesse abocanhá-los ao mesmo tempo. A língua de Mara e o contato do membro de Carlos deixaram-me ainda mais excitado. Aquele pau esfregando-se no meu era uma sensação estranha, mas confesso que era muito gostosa. Logo, ela levou nossas mãos a segurar o pau um do outro. Aquele cacete carnudo, duro e quente na mão foi outra sensação agradável e erótica. Carlos me punhetava deliciosamente, e eu já não conseguia largar aquele pintão duro. Aí passei a masturbá-lo também.

Mara esfregava, freneticamente, dois dedos na boceta, acariciava-nos e lambia-nos. Aquilo estava muito gostoso, e não havia mais como parar. Quase gozamos assim. Antes, porém, Carlos agachou-se e caiu de boca no meu pau. Suas chupadas deixaram-me doido, e não pude resistir por muito tempo. Entrei em delírio, enquanto meu esperma espirrava por entre os lábios de Carlos. Mara lambia meus mamilos, intensificando meu gozo de maneira alucinante, e não parava de masturbar-se. Parecia gozar continuadamente, num transe multiorgásmico.

Carlos sentou-se no sofá, e sua mulher achegou-se a mim, por trás, e passou a esfregar deliciosamente sua boceta melada na minha bunda, ao mesmo tempo que dizia ao meu ouvido: "Carlos já te chupou bastante; agora, eu tô louquinha para ver você dar uma chupada gostosa no pau dele, vai! Quero gozar te comendo, esfregando meu grelinho gostosamente na tua bunda!" Aquela voz, aquele jeitinho, aqueles pêlos roçando no meu traseiro, não sei explicar como... De repente, eu estava ajoelhado na frente daquele homem, com seu pintão duro na minha boca, enquanto Mara se apertava o mais que podia, esfregando a boceta no meu rego.

No primeiro instante,. senti-me constrangido, mas logo fui envolvido pele clima e deixei-me levar pelo tesão. Comecei a achar aquilo tudo muito gostoso, extremamente excitante... Carlos gozou na minha mão; Mara na minha bunda. Que delícia! Confesso que chupar um pinto nessas circunstâncias, num maravilhoso ménage, é um prazer a mais que se desfruta, e não diminui a condição de macho de ninguém.

Carlos e Mara mudaram-se para outro Estado, mas ainda continuamos amigos e mantemos troca de correspondência. Mas sinto muita saudade do nosso relacionamento sexual. Por isso, agora procuro outro casal de nível e boa saúde, que queira viver as deliciosas emoções de um ménage à trois. Pode ser iniciante ou não; bissexual ou não. Não sou colecionador e não exijo foto e fone na primeira carta, porém, retribuirei e devolverei se forem enviados. As cartas deverão ser bem liberais e detalhadas, para permitir uma rapida avaliação. Minha proposta é realmente séria. Sou casado (porém incompatibilizado); tenho 1,77 metro de altura, 65 quilos de peso, cabelos grisalhos e olhos verdes.

Márcio Eme, Caixa Postal 54.248, São Paulo, SP, CEP 01296.

SUZANNE

PARECE UMVINHO DE RARO SABOR, PALADAR INIGUALÁVEL, A INEBRIAR NOSSOS SENTIDOS, LANÇANDO-NOS NO UNIVERSO DOS PRAZERES PROIBIDOS

NOSSA CAPA

CATHERINE

NÃO SE ILUDA COM A APARENTE FRAGILIDADE DESTA MOÇA. ELA É MUITO MAIS QUE UMA GAROTA DE CURVAS PRODIGIOSAS E RELEVOS VOLUPTUOSOS. POR TRÁS DA SUA AURA DE SENSUALIDADE, ESCONDE-SE UMA MULHER FORTE E DECIDIDA, QUE BUSCA COM AFINCO TODOS OS SEUS OBJETIVOS

NOSSA CAPA

Emmy

PODE FANTASIAR À VONTADE: ESTA GATA FOI ESCOLHIDA ESPECIALMENTE PARA FERTILIZAR A SUA IMAGINAÇÃO. A BOCA SENSUAL, PROMETENDO MUITOS PRAZERES; OS SEIOS DURINHOS, PEDINDO PARA SEREM APALPADOS; E A GRUTINHA LINDA, CLAMANDO SUA PRESENÇA, SÃO MOTIVOS MAIS QUE FORTES PARA EMBALAR OS SONHOS DO LEITOR